

UMA “ESCOLA FILOSÓFICA DE COIMBRA”?
HISTÓRIA, TENDÊNCIAS E PROBLEMAS
IS THERE SOMETHING AS A “SCHOOL OF COIMBRA”?
HISTORY, TRENDS AND PROBLEMS

MÁRIO SANTIAGO DE CARVALHO¹

Abstract: The paper presents the state of the art regarding the existence of a possible philosophical “school of Coimbra” (16th – 18th centuries). It faces theoretical productions that can contribute to clarifying the issue – the history –, lists some of the main lines of these productions and school – the trends –, and tackles some problems that may difficult the discussed identity.

Keywords: Philosophical schools, Coimbra, Salamanca, Évora, history of philosophy, Aristotelianism.

Resumo: O estudo faz o ponto relativamente à existência de uma eventual “escola de Coimbra” (séculos XVI-XVIII), de âmbito filosófico, para o que começa por incidir nas produções teóricas – a história – que podem contribuir para o esclarecimento da questão, enumera algumas das linhas dessas produções e da eventual escola – tendências – e enuncia alguns problemas que criam dificuldades à identidade discutida.

Palavras-chave: Escolas de filosofia, Coimbra, Salamanca, Évora, história da filosofia, Aristotelismo.

Résumé: Cet article fait la mise au point sur l’existence d’une éventuelle école philosophique à Coimbra. Il part des productions théoriques qui pourraient contribuer à éclaircir la question, “l’histoire” ; énumère quelques lignes de ces productions et de l’éventuelle école, “les tendances” ; et termine en énonçant des difficultés par rapport à l’identité de l’école en discussion, “les problèmes”.

Mots-clés: Écoles philosophiques, Coimbra, Salamanque, Évora, histoire de la philosophie, aristotélisme.

¹ Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras. Unidade I&D Instituto de Estudos Filosóficos; Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação. Email: carvalhomario07@gmail.com. ORCID: 0000-0002-8257-9

1. Introdução

No que se segue apresentarei e contextualizarei o ambiente na origem de uma investigação atual relativa ao quadro teórico que pode configurar a eventual existência de uma “escola de Coimbra”. Refiro-me, naturalmente, ao *Curso Jesuíta Conimbricense* (1592-1606).² Procurarei aqui, sobretudo, discutir a pertinência de tal designação, não esquecendo os problemas a ela ligados. Inevitavelmente, para o efeito, a “escola de Salamanca” não podia deixar de ser um farol, mas a situação eborense, por ora apenas programática, também não pode ser esquecida.

2. O surgimento de uma investigação

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o claustro que alberga o ensino e a investigação em filosofia na cidade de Coimbra, é uma criação recente no contexto da secular história da Universidade portuguesa. Esta foi uma criação de el-Rei D. Dinis (1290), aquela uma criação republicana (1911). Ligada a este movimento político, embora em parte herdeira da extinta e multissecular Faculdade de Teologia, os primeiros professores incumbidos do ensino da Filosofia na Faculdade de Letras, Alves dos Santos (1866-1924), e o seguramente mais célebre, Joaquim de Carvalho (1892-1958), imbuíram-se, como seria natural para a época, do espírito positivista. Em Santos, este espírito ficou assinalado no ensino da Psicologia experimental, em Carvalho, na historiografia das ideias³. Devemos, contudo, ao segundo, antes de tudo o mais, uma marca ainda reconhecível nos finais do século XX, no trabalho de professores, quais Amândio Coxito (1936-2017) e Fernando Catroga (1945-). A Joaquim de Carvalho ficámos, igualmente, a dever um extraordinário e precursor manancial de investigação e de estudos publicados sobre a filosofia em Portugal. No quadro da sua linhagem, seria apenas ainda obrigatória uma menção à extraordinária pesquisa de José S. da Silva Dias (1916-1994), também professor

² Para uma introdução a esta iniciativa, vd. M. S. de Carvalho, *O Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense*, (Coimbra-Lisboa: IN-CM, 2018); e também o sítio que codirigimos: www.conimbricenses.org Desejo agradecer ao meu colega Prof. António Manuel Martins algumas sugestões que melhoraram a versão final desta contribuição; naturalmente que quaisquer erros ou imprecisões que ainda se mantenham são da minha inteira responsabilidade.

³ M. S. de Carvalho, “De um tom de modéstia a adoptar para já em Filosofia. Sobre os cem anos de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra”, *Revista Filosófica de Coimbra* 20 (2011), 451-484.

na Faculdade de Letras de Coimbra até à sua mudança como docente para a Universidade Nova de Lisboa.

Metodologicamente positivista em filosofia, Joaquim de Carvalho já pouco tinha a ver com o sistema de Auguste Comte, antes francamente atento e sensível sobretudo às correntes e aos pensadores portugueses platônicos e de cunho hebraico. Esta sua predileção ia no encalço de uma identificação nacional, ou das “inquietações do espírito lusitano”, tal como Carvalho escreve em 1927, em artigo que ainda dá que pensar⁴. Nos anos 40 estava ao rubro em Portugal a discussão sobre o polémico tópico da existência (ou não) de uma “filosofia portuguesa”. À exceção do estudo sobre “António de Gouveia e o Aristotelismo da Renascença” (1916), Leão Hebreu, Camões, Heitor Pinto, Espinosa – cuja *Ética* traduziu e exemplarmente comentou na sequência do transe de 1935⁵ – ou Antero de Quental foram alvo dileto da extraordinária erudição de Joaquim de Carvalho. Temos, por isso, para com este distinto, pioneiro e valoroso professor uma dívida incomensurável, ainda hoje dificilmente superável.

Foram, então, escassas as produções deste investigador pioneiro em torno da produção filosófica que, à partida, sustentaremos nós aqui, poderia identificar uma “escola de Coimbra”, isto é, ligada ao(s) “aristotelismo(s)”⁶. E foram ainda mais raras as alusões à dimensão material que poderia enformar a mesma escola, isto é, o *Curso Jesuíta Conimbricense*. De qualquer modo, não escapou à sua mira de probo investigador com dimensão internacional a figura tutelar do jesuíta Francisco Suárez (1548-1617) que, como se sabe, sem ter tido qualquer tipo de intervenção na publicação acabada de referir, integrou por quase durante vinte anos o corpo docente da Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra, embora não tenha feito parte da sua escola de Artes⁷.

⁴ J. de Carvalho, “Desenvolvimento da Filosofia em Portugal durante a Idade Média”, in *Obra Completa de Joaquim de Carvalho*, vol. I (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978), 338 (agora acessível em: https://gulbenkian.pt/publication_author/joaquim-de-carvalho/).

⁵ *Bento de Espinosa. Ética Demonstrada à Maneira dos Geómetras*. Parte I: De Deus, (Coimbra, 2ª ed., 1960), v.

⁶ Cf. J. de Carvalho, *Obra Completa*, 9 vols., (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978-1997); veja-se os vols. II, 125-26; III, 323-328; IV, 42-43; VI, 510-19; VIII, 11-14, 47-57 e passim.

⁷ Cf. J. de Carvalho, “A teoria da verdade e do erro nas ‘Disputationes Metaphysicae’ de Francisco Suárez” (1917), atualmente publicada no vol. 1 da citada *Obra Completa*, 117-48. Recentemente, veja-se Mário Santiago de Carvalho, Manuel Lázaro Pulido e Simone Guidi (coords.), *Francisco Suárez: Metaphysics, Politics and Ethics/ Francisco Suárez: Metafísica, Política e Ética Francisco Suárez: Metafísica, Política y Ética* (Coimbra: Imprensa da Universidade, 2020). Cabe, porém, lembrar que Suárez coabitou

3. Os Jesuítas em Coimbra e a imagem de marca conimbricense

Algum pensamento político habitaria a alma de Filipe II (1598-1621) quando, dobrando a vontade de Suárez, o força a dirigir-se à Universidade lusitana para integrar o seu claustro. Fosse como fosse, não podia ser indiferente o envio do maior pensador do império castelhano para a “sua” Universidade de Coimbra. Maquiavelismos à parte, e sem demorarmos em matérias geopolíticas, ter-se-á sempre de reconhecer que Filipe II via Coimbra como uma grande universidade ibérica. Salamanca seria, inevitavelmente, o feliz contraponto e o rei Filipe tinha razões para pensar e agir dessa forma.

Na verdade, após a iniciativa do rei D. João III, que não estava apenas talhada para deslocar definitivamente para Coimbra a Universidade portuguesa, no contexto de uma reforma sua com cunho humanista europeu, passaram a deambular pela cidade do Mondego escolares de vários países, muitos deles destinados a percursos intelectuais, religiosos e missionários globais. A entrada da Companhia de Jesus em Coimbra e a fundação nessa urbe do seu primeiro colégio em toda a Europa, em 13 de junho de 1542, pela mão de Simão Rodrigues, um dos companheiros de Inácio de Loyola, teve um papel preponderante nalguma centralidade — primeiro europeia e depois global — da cidade do Mondego. Isso acabará mesmo por explicar a expansão da sua “marca”, tal como foi graciosamente escrito por Cristiano Casalini⁸. Do Colégio de Jesus de Coimbra partiram alguns dos fundadores de colégios ibéricos⁹ e em 1555 o rei D. João III acabará por entregar todo o ónus do ensino no Colégio Real das Artes aos inacianos. O *Curso Jesuíta Conimbricense* nascerá também como réplica a esta iniciativa régia, ampliando-a, mas ele vai ultrapassar fronteiras e conhecer uma expressão global, como ficou dito há pouco. A publicação na China de versões originadas ou baseadas no *Curso Jesuíta Conimbricense* por intervenção de jesuítas belgas, italianos e portugueses é um testemunho inconcusso dessa sua deriva internacional.¹⁰

com alguns dos autores do Curso e com outros intervenientes no mesmo, no Colégio de Jesus, onde evidentemente compõe a sua obra teológica.

⁸ C. Casalini, *Aristotele a Coimbra. Il ‘Cursus Conimbricensis’ e l’educazione nel ‘Collegium Artium’* (Roma: Anicia, 2012), 59. Existe tradução portuguesa deste título, publicada pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

⁹ Diogo de Mirão, um dos primeiros jesuítas a arribar a Coimbra, parte para a sua terra natal, a fim de fundar o Colégio de Valência (1544); Francisco Rodrigues também partiu para Salamanca (1547), e um dos companheiros franceses que integrava o grupo inicial, Francis Gallo, também deixou Coimbra para fundar a Província Jesuíta de Espanha. Pedro Favre, por seu lado, nomeou vários inacianos de Coimbra com destino aos colégios de Gandia, Alcalá e Valladolid.

¹⁰ Cfr. M. S. de Carvalho, “De Coimbra a Pequim: história e geografia do aristotelismo conimbricense”, in Carlota Simões, Margarida Miranda & Pedro Casaleiro (eds.),

Mas uma não menor indicação do vigor da intervenção de el-rei D. João foi decerto a disseminação europeia da produção literária, editorial e filosófica que o referido Curso chegou a conhecer. Nos finais do século XVI a *brand* “Coimbra” (*Conimbricenses*) espalhava-se por todo o espaço europeu. Por exemplares desse Curso ambicionavam sobretudo as indústrias culturais e livreiras da época, por cujo *copyright* também se digladiavam. Entre 1592 e 1730 publicava-se na Europa uma média de um título por ano dos vários que integravam esse *Curso* e os principais editores não disfarçavam alguma coíça “capitalista”; tratava-se, no fim de contas, de nomes tão sonantes como Horácio Cardon e João Pillheotte (Lyon), Lázaro Zetzner (Colónia), André Baba (Veneza) ou João Albini (Mainz). A marca “conimbricense” vendia tão bem que a editora Froeben se atreveu mesmo a publicar uma contrafação em 1604 e, nas ilhas Britânicas, em 1627, saía um *Breve Compêndio da Lógica*, também dita ‘*Conimbricense*’. Importa, pois, admitir o óbvio: não conhecemos nos séculos XX e XXI nenhum caso paralelo de tão bem-sucedido impacto coimbrão. Filipe II sabia assim o que fazia. Embora agastado e contrariado, Suárez acabou por ingressar obedientemente nos claustros da Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra. Forçosamente, ele terá assistido ao ambiente filosófico assaz intrincado que decerto se vivia no interior do Colégio de Jesus de Coimbra, na sequência da publicação de uma parte muito representativa do Curso de filosofia.

4. Filosofia jesuíta conimbricense

Francisco Suárez nunca foi professor de filosofia em Coimbra e no dia da sua entrada na cidade, 1 de maio de 1597, os cursos das artes na cidade do Mondego, instituídos em 1535, contavam com mais de sessenta anos. Acumulavam-se, por isso, nas mesas de trabalho do Colégio de Jesus, centenas de manuscritos filosóficos e, acima de tudo, haviam sido publicados já os volumes daquele Curso sobre a *Physica*, o *De Caelo*, os *Meteorologica*, os *Parva naturalia*, a *Ethica*, o *De Generatione et Corruptione* e até o *De Anima* se achava no prelo.¹¹ O ensino da filosofia aristotélica incansavelmente renovada e adaptada e cuja bitola passará a ser dada pelo *Curso Jesuíta Conimbricense* verá eventualmente o fim dos seus dias com a intervenção reformadora universitária do Marquês de Pombal definitivamente promulgada em 1772. Como é muito bem sabido, em 28 de junho de 1759 Sebastião José

Visto de Coimbra, O Colégio de Jesus entre Portugal e o Mundo (Coimbra: Imprensa da Universidade, 2020), 121-143.

¹¹ Veja-se a minha “Editorial History” in <http://www.conimbricenses.org/in-tres-libros-de-anima-aristotelis-stagiritae/>

de Carvalho e Melo (1699-1782) expulsa os jesuítas do país e o facto teve consequências deletérias para a filosofia, mormente para a metafísica¹². Um importante filósofo do século XX português, Delfim Santos (1907-1966), lamentava, a justo título, a situação da ausência da metafísica no ensino superior de Portugal a partir do século XVIII¹³. Na verdade, tirante o caso dos vários *studia* das ordens religiosas,¹⁴ a situação do ensino filosófico em geral após a reforma pombalina é catastrófica no tocante à metafísica. Numa linhagem racionalista, que não empirista, qual seria em princípio a portuguesa, esta constatação roça a desgraça, como sucede *a contrario* com o caso superior de I. Kant. Ingloriamente, a cátedra de filosofia atribuída a António de Soares Barbosa (1731-1801) no seio da novel ou pombalina Faculdade de Filosofia teve uma existência quase efémera. Tal como simbólica, mas politicamente, o lembrará António de Vasconcelos, precisamente na “Lição Inaugural” da Faculdade de Letras do século XX, o ensino da Botânica e da Agricultura acabou por vir a substituir ali o da Filosofia Racional e Moral, definitivamente, em 1791, por motivos orçamentais¹⁵. Não estávamos ainda no século XXI da União Europeia pós-capitalista. Decerto que ainda está por fazer a apreciação justa da filosofia publicada e ensinada a partir da segunda metade do século XVIII português, sobremaneira eclética, mas o facto é que, de um ponto de vista escolar superior, e salvo a curta e acidentada vigência do Curso Superior de Letras em Lisboa (1861-1911)¹⁶, Portugal teve de

¹² M. S. de Carvalho, “Il destino della metafisica nella modernizzazione dell’università portoghese all’epoca di Luís António Verney (1713-1792)”, in G. Piaia e M. Forlivesi (a cura di), *Innovazione filosofica e Università fra Cinquecento e primo Novecento. Philosophical Innovation and the University from the 16th Century to the Early 20th* (Padova: CLEUP, 2011), 227-243.

¹³ Cfr. M.G. da Silva Miranda, *Delfim Santos – A Metafísica como filosofia fundamental* (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003), 342.

¹⁴ Carvalho, “Il destino della metafisica”, 236.

¹⁵ Cfr. Carvalho, *Il destino della metafisica*, 237; veja-se também F. de Oliveira (ed.), *Orações de Sapiência da Faculdade de Letras 1912-1995* (Coimbra: Imprensa da Universidade, 2002), 19-46.

¹⁶ João Luís Serrenho Frazão Couvaneiro, *O Curso Superior de Letras (1861-1911) Nos primórdios das Ciências Humanas em Portugal*, Dissertação de Doutoramento em História, (Lisboa: FLUL, 2012). De Francisco Malta Romeiras respigo ainda os seguintes dados esclarecedores, adossados embora na dissertação de Luísa Freire Nogueira (*A filosofia no espaço escolar*, Dissertação de Doutoramento em Filosofia (Ensino da Filosofia), Universidade de Lisboa, 2010, passim): “No ensino da Filosofia, por exemplo, foi singular a longevidade das *Institutiones Logicae et Metaphysicae* de Antonio Genovesi (1712-1769). Adotado por ordem do Marquês de Pombal em 1773, o compêndio de Genovesi foi a obra de referência para o ensino da Filosofia, pelo menos, até meados do século seguinte. (...) Num espaço de 50 anos (1844-1895), de Costa Cabral (1803-1899) a Jaime Moniz (1837-1917), as reformas do ensino secundário sucederam-se a um ritmo desconcertado.

esperar pela revolução republicana para ter de novo o ensino universitário de filosofia, nas Faculdades de Letras de Coimbra e de Lisboa.

5. A contemporaneidade debruçando-se sobre um passado. Alguns protagonistas

Voltemos então ao que aqui nos traz. A atenção para com o *Curso Jesuíta Conimbricense* nasce, compreensivelmente, no seio da Faculdade de Letras de Coimbra¹⁷. É certo que houve uma atenção nacional, mormente encabeçada pelo Instituto de Alta Cultura (IAC), aliás concretizada na publicação do volume dedicado a uma ética filosófica, por parte do notável cabouqueiro que foi António Alberto Banha de Andrade (1915-1982)¹⁸. À momentosa política editorial do referido IAC, sobretudo na figura do professor de Lisboa, Artur Moreira de Sá (1913-1989), também se ficará a dever a intervenção do renomado autor de *Die Logik der Neuzeit*, Wilhelm Risse (1931-1998), a quem teremos ocasião de voltar, mais adiante. Afora estes tão poucos casos, de um modo não totalmente alheio à investigação de Joaquim de Carvalho, Arnaldo de Miranda Barbosa (1916-1973) parece ter sido o grande impulsionador das investigações sobre o Curso, e, sobretudo, sobre o seu mentor em Coimbra, o jesuíta, lógico e metafísico, Pedro da Fonseca (1528-1599). Colacionando apenas os textos com que Joaquim de Carvalho e Miranda

Neste período, a disciplina de Filosofia mudou várias vezes de programa, carga horária e designação, passando pelos seguintes nomes: Filosofia Racional, e Moral e Princípios de Direito Natural (1844-1863; 1880-1886); Filosofia Racional e Moral, Princípios de Direito Natural e Análise Lógica (1863-1868); Lógica (1868-1872); Filosofia (1872-1880); e, finalmente, Filosofia Elementar (1886-1895).” (in F. M. Romeiras, *A Biblioteca Erudita de Campolide, A história de uma Biblioteca jesuíta dispersa pela República*, Lisboa: Lucerna, 2022, 64-65).

¹⁷ Importa não ler a referência acima como se desconhecêssemos ou menoscabássemos a contribuição dos estudiosos portugueses da Companhia de Jesus para o nosso objeto de estudo. Embora sem nunca evocarem a designação de “escola de Coimbra” os nomes e respetivos trabalhos de autores como João Pereira Gomes, Alfredo Dinis, José Vaz de Carvalho, Vitorino de Sousa Alves, Domingos Maurício, entre muitos outros mais, deveriam ser evocados. Seja como for, em vários números da *Revista Portuguesa de Filosofia* (v.g. 1991, 1998, 1999, etc.) poderá o leitor interessado encontrar estudos relevantes. Por uma questão de mera probidade científica e historiográfica, não poderia esquecer, ao menos, as contribuições de Lopes Praça (em 1868), de Ferreira Deusdado (em 1898) de Lothar Thomas (em 1944), e de João Ferreira (1965), todas citadas na Bibliografia final.

¹⁸ *Curso Conimbricense I. Pe. Manuel de Góis: Moral a Nicómaco, de Aristóteles*. Introdução, estabelecimento do texto e tradução de A. A. de Andrade (Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1957).

Barbosa intervieram nas comemorações madrilenas do IV^o Centenário do nascimento de Suárez¹⁹, a ligação entre aqueles dois nomes salientes é explicitamente evocada pelo também professor de Coimbra, Victor Matos e Sá (1927-1975), da seguinte maneira²⁰:

É-me grato associar (...) o juízo de dois Mestres Conimbricenses: o de Joaquim de Carvalho, para quem a estrutura da mentalidade de Suárez é ‘sistemática, polémica, obstinada no fim a atingir, no íntimo talvez mais ambiciosa de vencer eliminando que de convencer dialogando’ (...) e o de Arnaldo de Miranda Barbosa, para quem a nota distintiva do génio de Suárez (...) ‘é o seu equilíbrio superador: não a descoberta de novas aporias, mas o engenhoso desfecho de aparentes oposições’.

Mais próximo de nós, António Manuel Martins (1949-) confirma que a atenção dada na Faculdade de Letras de Coimbra a Pedro da Fonseca havia resultado do magistério de Joaquim de Carvalho. Porém, Carvalho, que aliás tencionava publicar uma edição autónoma das *Quaestiones* inseridas na *Metafísica* fonsequina, circunscrevia o papel de Fonseca, sobretudo, à figura de precursor de Suárez. Esta perspetiva será alargada por Miranda Barbosa, a partir do final dos anos 50, propondo uma metodologia em duas vertentes: a publicação de i) uma *editio accurata* das obras de Fonseca e ii) de trabalhos monográficos que “permitissem ‘o perfeito enquadramento daquela obra no complexo histórico-doutrinário em que se situa’.”²¹ Nos finais dessa década de cinquenta, Barbosa, estimulava a publicação da rica e ainda não superada obra dos anos 30 daquele que havia sido um investigador notável e pioneiro, o alemão Friedrich Stegmüller (1902-1981). Com efeito, a tradução, por Alexandre Fradique Morujão (1922-2009), da “chamada de atenção dos estudiosos para os ricos tesouros das bibliotecas portuguesas referentes à história da filosofia e da teologia no século XVI” recolhida em *Zur Literaturgeschichte der Philosophie und Theologie an der Universitäten Évora und Coimbra im*

¹⁹ Vd. respetivamente, J. de Carvalho, “En torno a las ‘Disputaciones Metaphysicae’”, in *Actas del IV centenario del nacimiento de Francisco Suárez, 1548-1948*, Volume 1 (Burgos: Dirección General de Propaganda, 1949), 70 e A. M. Barbosa, “A individuação nas disputas metafísicas de Suárez”, *ibidem*, 339–360.

²⁰ V. Matos e Sá, “Introdução a Giordano Bruno”, in *Giordano Bruno, Acerca do Infinito, do Universo e dos Mundos* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978), xi. Alexandre Fradique Morujão reuniu as *Obras Filosóficas* (Lisboa: IN-CM, 1996) de A. de M. Barbosa.

²¹ A. M. Martins, “Introdução ao Volume I das *Obras Completas* de Miguel Baptista Pereira”, in *Obras Completas de Miguel Baptista Pereira*, vol. I (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian: 2014), vii-viii. A frase de Barbosa acima citada por Martins provém do Prefácio (xvii) à publicação das *Instituições Dialécticas*.

XVI. *Jahrhundert*, tornou-se realidade por estímulo de Arnaldo de Miranda Barbosa, tal como Stegmüller confessa logo no Prefácio da edição lusitana²².

Também Miguel Baptista Pereira (1929-2007), que teve o mérito de vir a ser o autor da primeira tese de doutoramento moderna sobre o jesuíta Fonseca,²³ dá sobretudo testemunho da influência de Miranda Barbosa na atenção a um dos membros destacados da filosofia de Coimbra no século XVI. Eis uma passagem ilustrativa sobre o ensino e a publicação exotérica de Barbosa sobre “a tradição filosófica conimbricense”²⁴:

Após o estudo da filosofia suareziana, as lições do nosso Mestre Doutor A. Miranda Barbosa sobre (...) *a tradição filosófica conimbricense* repensada, foram imprescindível contributo para a conceção desta obra sobre o Ser e a Pessoa. Da meditação de *A Essência do Conhecimento* de Miranda Barbosa, fundamentação crítica da Metafísica tradicional, surgiu-nos a pergunta pela essência do homem (...). A ideia de que o homem em filosofia está sempre a caminho, obrigou-nos a tratar do problema do método, já vivo em nós por influência do nosso Mestre Doutor Miranda Barbosa. (sublinhados nossos)

Em poucas palavras: além das duas influências que Pereira reconhece na sua formação filosófica formal – uma relativa à fundamentação crítica da metafísica tradicional, a outra atinente ao problema do método – deparamo-nos com uma alusão material às “lições” de Miranda Barbosa sobre o que, parece, ambos denominavam “tradição filosófica conimbricense”. Compulsando os sumários de Barbosa anteriores a 1960, pelas razões que a seguir se tornarão nítidas, não descortinámos lições explícitas sobre esse “tradição”, razão pela qual nos atrevemos a pensar que Pereira aludia de facto a uma relação pedagógica acroamática ou “esotérica”.²⁵ O mesmo pode, talvez, haurir-se na dissertação de licenciatura que Baptista Pereira defende em agosto de 1960, em cuja “Introdução” se lê ter o licenciando decidido “estudar, por amável sugestão de Exmo Sr. Prof. Doutor Arnaldo de Miranda Barbosa, o problema da individuação em Pedro da Fonseca...”²⁶.

²² F. Stegmüller, *Zur Literaturgeschichte der Philosophie und Theologie an der Universitäten Évora und Coimbra im XVI. Jahrhundert*. Spanische Forschungen der Görresgesellschaft, 1. Reihe, Band 3 (1931), 385-438; Id., *Filosofia e Teologia nas Universidades de Coimbra e Évora no século XVI* (Coimbra: UC, 1959), vii; veja-se também: Manuel Augusto Rodrigues, “‘In Memoriam’ Friedrich Stegmüller (1902-1981)”, *Revista de História das Ideias* 5 (1983), 1125-1128.

²³ M. B. Pereira, *Ser e Pessoa; Pedro da Fonseca 1- O Método da Filosofia* (Coimbra: UC, 1967).

²⁴ Pereira, *Ser e Pessoa*, 1-3.

²⁵ Valha em qualquer caso a seguinte referência: no dia 18 de maio de 1956, no encerramento do curso de “Filosofia Medieval”, dado com a assistência de Victor de Matos, Arnaldo de Miranda Barbosa alude ao “neo-suarezianismo”.

²⁶ M. B. Pereira, *Obras Completas*, vol I, ed. citada *supra*, ed. A. Manuel Martins e Mário S. de Carvalho (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014), 3.

Confirma, alfim, o implicado impulso de Barbosa, o testemunho de Joaquim Ferreira Gomes (1928-2002), aludindo, igualmente, à existência do projeto que visava a publicação dos *Opera Omnia* de Fonseca, por parte do então diretor do Instituto de Estudos Filosóficos, Miranda Barbosa.²⁷ Ferreira Gomes manifesta, contudo, uma propensão para dar lastro à perspetiva de investigação que José Silva Dias havia haurido mais de Joaquim de Carvalho, crítica e singularmente embora. Com efeito, na antecâmara da *editio accurata* que preparou e na qual traduziu os *Institutionum Dialecticarum Libri Octo* de Fonseca, Ferreira Gomes enquadrava esta última produção “na cultura de um povo” que em sua “transfinitude diacrónica” constitui a “matriz da sua própria individuação”.²⁸ E de uma maneira ainda mais clara: ele falava da “vivificação das raízes da nação portuguesa”, da “valorização da cultura portuguesa”, da “revivescência e compreensão exata de uma Filosofia portuguesa”, de “um autêntico sistema de filosofia” (o de Fonseca, justamente), anexando-lhe a figura do Doutor Exímio, Suárez, assim irrefletidamente acoplado à política cultural de D. João III, mas vendo acertadamente Fonseca como precursor de “básicas proposições doutrinárias” de Suárez²⁹:

O movimento cultural dos séculos XVI e XVII, enquadrado na renascença escolástica peninsular, representa o que há de mais significativo como criação do génio português, tanto no campo da Filosofia e da Teologia, como no sentimento religioso e das formas literárias de expressão. Antes e depois surgiram obras de pensadores desgarrados. Porém, se a Filosofia, como a Ciência, além da criação pessoalista, é fruto de uma escola e de uma circunstância cultural, só em referência ao movimento da Escolástica Renovada se pode falar, propriamente de uma Filosofia portuguesa. Sem os largos horizontes da reforma pedagógica de D. João III, não seria possível a *escola conimbricense* nem o clima doutrinal onde germinou a obra de Fonseca.

“Só apreciada na totalidade, esta obra nos desvela a sua densidade filosófica: à luz dessa perspetiva de conjunto, avulta uma das mais vigorosas expressões do renascimento escolástico-humanista do aristotelismo e a manifestação de um pensamento original, profundo e coerente, quer dizer, de *um autêntico sistema de Filosofia*. Esse pensamento exerceu penetrante influência no surto da renascença escolástica peninsular, designadamente em básicas proposições doutrinárias do Doutor Exímio, mas ainda hoje, para além do seu interesse historial, mantém a mesma força inspiradora da reflexão, de modo que será

²⁷ Cfr. J.F. Gomes, “Introdução”, in *Pedro da Fonseca. Isagoge Filosófica*, (Coimbra: UC, 1965), ix e xx.

²⁸ J.F. Gomes, “Prefácio”, in *Pedro da Fonseca. Instituições Dialécticas* (Coimbra: UC, 1964), xi.

²⁹ Gomes, “Prefácio”, xii-xiii. O motivo precursor havia, no entanto, já sido evocado por Joaquim de Carvalho (vol. VIII das suas *Obras Completas*, 11-14), e hoje é particularmente evidenciado por António Manuel Martins.

impossível restaurar a Ontologia, como pretendem tantos pensadores dos nossos dias, sem repensar as doutrinas lógicas e metafísicas dos dois grandes mestres conimbricenses – Pedro da Fonseca e Francisco Suárez. (os itálicos são nossos)

Joaquim Ferreira Gomes menciona, inequivocamente, uma “escola conimbricense” e parece reconhecer-lhe uma sistematicidade própria, como conviria, embora admitindo que só a exploração integral das obras dos autores que a constituem no-la poderia deixar desenhar. A Gomes deve ser-lhe assacado o mérito de para tal ter contribuído, começando a publicar as duas obras que Fonseca dedicou à Lógica. É, apesar de tudo, patente que nada se concluiu no âmbito desta mais que justa ambição, razão pela qual alguma precipitação se pode detetar nas palavras entusiastas deste professor, editor, persistente e dedicadíssimo tradutor.

O século XXI ainda não viu nem a publicação moderna dos *Opera Omnia* almejados por Miranda Barbosa, nem a sua tradução. A falar verdade, e além do labor de Ferreira Gomes em língua portuguesa, aos quais se junta a supramencionada intervenção de Banha de Andrade e a tradução de Maria da Conceição Camps,³⁰ temos apenas notícia de uma versão inglesa da *Isagoge*. Presumamos, contudo, que, a existirem, publicações quejandas acabarão por facilitar o acesso ao pensamento de Fonseca e a promoção de estudos ao mesmo atinentes, tal com Miranda Barbosa concebera e Ferreira Gomes deu eco. Foi isso que sucedeu, e bem, com Francisco Suárez, relativamente ao qual sempre se destacará a tradução de Sergio Rábade Romeo, Salvador Caballero Sánchez e Antonio Puigcerver Zanón, e a novel edição (2017) de Salvador Castellote e Michael Renemann com o apoio de Jean-Paul Coujou, John Doyle e Shane Duarte.

Infelizmente, procurar estabelecer um paralelismo com a situação castelhana torna-se confrangedor. Apesar de tudo, começa, contudo, a vislumbrar-se a publicação e tradução do *Curso Jesuíta Conimbricense*, razão pela qual, ainda que por ângulo distinto, se pode começar a ponderar o juízo de Ferreira Gomes. Não tendo sido cabalmente bem-sucedida a investigação sobre a obra de Fonseca e a sua publicação, a atenção acabou por deslocar-se paulatinamente para o denominado *Curso Jesuíta Conimbricense*.

Vale a pena reter que antes da nossa atenção sistemática e internacionalmente colaborativa – de que são testemunhos a publicação bilingue atualmente em curso dos “*Commentarii Collegii Conimbricenses Societatis*

³⁰ *Comentários do Colégio Conimbricense da Companhia de Jesus Sobre os Três Livros Da Alma de Aristóteles Estagirita*. Tradução do original latino por Maria da Conceição Camps (Lisboa: Sílabo, 2010).

Iesu”³¹ e o “The Conimbricenses.org Project. A digital platform for the History of Philosophy and Theology in Coimbra (1542-1772)”³² – além da mencionada dissertação doutoral de Miguel Baptista Pereira, o seu discípulo António Manuel Martins levou a cabo idêntica investigação.³³ Finalmente, quer Pereira, como dissemos já, quer depois Amândio Augusto Coxito,³⁴ Aurélio Velozo,³⁵ e Paula Ribeiro³⁶ defenderam teses de licenciatura ou sobre Fonseca, ou sobre o *Curso*. Embora no Porto, foi sobremaneira sob a marca coimbrã que Maria da Conceição Camps (1956-) defendeu a sua tese de doutoramento (2012) tendo como objeto a visão, um tema fulcral no volume dedicado ao *De Anima*. Seja como for, graças à difusão internacional que chegou a conhecer, talvez nem seja necessário frisar que foi Coxito quem levou mais longe um tipo sistemático de investigação, assinando um conjunto meritório de estudos dedicados, objetivos e de consulta obrigatória.³⁷

³¹ Eis os títulos publicados até ao presente, todos aliás acessíveis em acesso aberto: *O Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense. Tomo I: Comentários aos Livros denominados “Parva Naturalia”*. Tradução e notas de Bernardino Fernando da Costa Marques; estabelecimento do texto latino por Sebastião Tavares de Pinho e Marina Fernandes (Coimbra: Imprensa da Universidade, 2020); *Tomo II: Disputas do Curso Conimbricense sobre os livros das “Éticas de Aristóteles a Nicómaco”*. Tradução do latim e Introdução Doutrinal de Mário Santiago de Carvalho, Fixação do Texto Latino de Sebastião Tavares de Pinho e Mário Santiago de Carvalho, (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020); *Tomo III/De Caelo*. Tradução do latim de António Guimarães Pinto. Estabelecimento do Texto de António Guimarães Pinto e de Sebastião Tavares de Pinho, (Coimbra: Imprensa da Universidade, 2021); *Tomo IV: De Anima. Parte 1 [Manuel de Góis]*. Tradução do Latim por Maria da Conceição Camps, Introdução Doutrinal por Mário Santiago de Carvalho, Fixação do Texto Latino por Sebastião Tavares de Pinho e Mário Santiago de Carvalho (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022).

³² Cf. o já referido sítio: www.conimbricenses.org

³³ A. M. Martins, *Lógica e Ontologia em Pedro da Fonseca* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994). António Manuel Martins continua a ser a maior autoridade na obra e no pensamento de Fonseca, além de autor de vários estudos mais sobre o nosso Jesuíta.

³⁴ Amândio Augusto Coxito, *O Problema dos Universais no Curso Filosófico Conimbricense*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (pro manuscrito) (Coimbra, 1962).

³⁵ Aurélio A.R.M. Velozo, *Sobre a Determinação do início dos “Tempos Modernos”. A incidência dos Comentários Conimbricenses na obra fisiológica de Descartes*. Trabalho de síntese apresentado à FLUC (pro manuscrito) (Coimbra, 1984).

³⁶ Paula Ponce de Leão Paes Ribeiro. *O Acesso ao Ser. O intelecto e a abstracção nos Comentários ao De Anima dos Conimbricenses. Subsídios para o seu Estudo*. Dissertação de Licenciatura em Filosofia apresentada à Faculdade de Letras (Coimbra, 1974).

³⁷ Cf. A. A. Coxito, *Estudos sobre a Filosofia em Portugal no século XVI* (Lisboa: IN-CM, 2005). Esperamos também que dos trabalhos entretanto encetados no IEF, no quadro de investigação designado SEA (Seminários de Estudos Avançados), o qual conta já com os nomes de Robert Junqueira, Emanuel Nogueira, Ikeda Mitsutake, Yuliia Nikitenko e Margarida Ribeiro, possam resultar estudos inovadores.

A investigação do autor destas linhas inaugura outra fase para uma eventual caracterização de uma hipotética “escola de Coimbra”. Apostada embora no estudo do *Curso Jesuíta Conimbricense*, ela acolheu e, ao mesmo tempo, rompeu com a herança acabada de referir. Dela ou da sua situação hermenêutica e escolar também decorreram alguns dos trabalhos acima mencionados, sobretudo aqueles publicados na esteira das nossas investigações ou em confronto com elas ou a elas se arrimando³⁸. Gostaríamos de chegar a ver o avanço desta linha de pesquisa como simultâneo ao crescimento exponencial de estudos e investigações sobre a congénere “escola de Salamanca”, mas estamos consciente de que se trata de um trabalho assimétrico, ingente e exigente. Quando recebeu a tradução da *Ethica*, por Banha de Andrade, descontada a injusta apreciação de tamanha empreitada singular, Neves da Fonseca determinou — bem, mas incompletamente — o grau de exigência requerida para uma adequada publicação do *Curso Jesuíta Conimbricense*, tal como a que a Imprensa da Universidade de Coimbra realiza agora; nas palavras de Fonseca: a existência de uma planificação geral e a reunião de uma equipa responsável e especializada “no conhecimento da filosofia escolástica, das línguas latina e grega, e das fontes, quer greco-latinas, quer medievais e renascentistas”.³⁹

Evocámos já a Universidade de Salamanca. Inevitavelmente, a história das duas instituições entrecruza-se, e ainda quase ninguém deu a atenção merecida a esta temática e problemática, quanto mais não fosse marcada pela docência e pela intervenção de quem, em Coimbra, parece ter inaugurado a preleção da teologia pela *Suma de Teologia* de São Tomás de Aquino (1225-1274), tal como Francisco de Vitoria (1483-1546) em Salamanca. Refiro-me a Martinho de Ledesma (1509-1574), aliás graduado na Universidade do Tormes, e depois a António de São Domingos (1531-1596),⁴⁰ e gostaria de chamar a atenção para a importância de se prolongarem os estudos que entrecruzem Coimbra/Évora e Salamanca. Relativamente a esta última situação, estou a pensar, naturalmente, nos trabalhos tão sugestivos e deveras pioneiros de Lidia Lanza e Marco Toste (1974-).

³⁸ Cf. “Scholarly Bibliography” do autor deste estudo, periodicamente atualizada, in <https://coimbra.academia.edu/MárioSantiagodeCarvalho>

³⁹ N. da Fonseca, “O ‘Curso Conimbricense’ em Português”, *Brotéria* 66 (1958), 330; vd. também José Esteves Pereira, “A ‘Brotéria’ e o pensamento filosófico português (1925-1964)”, in H. Rico & J. E. Franco (coordenadores), *Fé, Ciência, Cultura: ‘Brotéria’ – 100 Anos* (Lisboa: Gradiva, 2003), 238.

⁴⁰ L. Lanza e M. Toste, “The Commentary Tradition on the ‘Summa Theologiae’”, in *Summistae. The Commentary Tradition on Thomas Aquinas’ ‘Summa Theologiae’ from the 15th to the 17th centuries*, edited by Lidia Lanza & Marco Toste (Leuven: Leuven University Press, 2021), 16.

Antes destes, mas de uma maneira distinta, também entre si haviam trabalhado Pinharanda Gomes (1939-2019) e sobretudo Pedro Calafate (1958-). Este último contribuiu deveras para a reequacionamento de uma denominada “escola ibérica da Paz”,⁴¹ sobretudo, após a nunca assaz elogiada proposta e respetivos trabalhos de Luciano Pereña (1920-2007), chamando a atenção para a necessidade de incluirmos os espaços de Coimbra, e sobretudo de Évora. Quanto a Pinharanda Gomes e ao seu mais conhecido livro, *Os Conimbricenses*, ele atém-se não à identidade de uma “escola” mas ao que chamou um “contexto tético”, mais ensaiado do que justificado, o que, no entanto, lhe permitiu reconhecer a presença de uma “estrutura sistemática e densidade especulativa [correspondente] historicamente ao apogeu da elaboração metafísica portuguesa”.⁴² Sendo certo que P. Gomes invoca a autoridade incontestada de Francisco da Gama Caeiro (1928-1994) para falar do Curso como o “apogeu da elaboração metafísica portuguesa”, o artigo homónimo que Gomes publicou no *Dicionário da Filosofia Portuguesa* ainda mostra a vigência desse paradigma historiográfico, decerto ultrapassado, mas que nos anos 40 Álvaro Ribeiro (1905-1981) teorizou, conhecido como “filosofia portuguesa”.⁴³

Se lembrámos acima como o colégio de Coimbra esteve na raiz de alguns colégios ibéricos, importaria reconhecer a significativa influência salmanticense no cenário conimbricense, mormente na teologia, e em particular na teologia ensinada na Universidade de Coimbra.⁴⁴ Todavia, e de um estrito ponto de vista, cabe lembrar que ninguém até hoje pôde enfrentar, para a confirmar ou contrariar, a tese da dependência de Salamanca em relação

⁴¹ P. Calafate, *A Escola Ibérica de Paz nas Universidades de Coimbra e Évora (Séculos XVI e XVII)*, 2 vols., Coimbra, 2015; *Escola Ibérica da Paz. A consciência crítica da conquista e colonização da América: 1511-1694/ Escuela Ibérica de la Paz. La conciencia crítica de la conquista y colonización de América: 1511-1694*. [direção de] Pedro Calafate & Ramón Emilio Mandado Gutiérrez. Prefácio/Prefacio António Augusto Cançado Trindade (Santander, 2014); e o número especial por Calafate coeditado da *Revista Portuguesa de Filosofia*, nº 75 (2019).

⁴² P. Gomes, *Os Conimbricenses* (Lisboa: Guimarães, 2005), 2ª ed., 165.

⁴³ P. Gomes, *Dicionário de Filosofia Portuguesa* (Lisboa: D. Quixote, 1987). Para uma releitura moderna do problema, veja-se H. Jales Ribeiro, *Filosofias nacionais, transnacionais e tradições filosóficas no século XXI* (Porto: Edições Esgotadas, 2018). Sem ter estado ligado a Gama Caeiro, ao que julgamos saber, também cabe compulsar o estudo de Luís Miguel Carolino, *Ciência, Astronomia e Sociedade. A teoria da influência celeste em Portugal (1593-1755)* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003).

⁴⁴ Seja-me permitido remeter aqui para a minha participação no encontro “Cos’è la Seconda Scolastica? Expert Seminar On-line (30 giugno-2 luglio 2022)”, uma comunicação ainda no prelo, intitulada “What is Second Scholasticism? A tentative answer from an Iberian and Portuguese Point of View”.

à “escola de Coimbra”, tal como o professor de Saarbrücken, W. Risse, a apresentou um dia. Com efeito, após ter falado, no seu notável trabalho *Die Logik der Neuzeit*, de uma “escola portuguesa”, W. Risse atreveu-se mesmo a identificar uma “escola de Coimbra, de que a partir de 1580 os jesuítas salmantenses passaram a depender, atribuindo-lhe o seguinte mérito:

... os pressupostos desta fama mundial da filosofia espanhola foram criados, pelo menos para a Lógica e a Metafísica na escola de Coimbra, e nessa medida a ela cabe o verdadeiro mérito da renovação da Filosofia Escolástica.⁴⁵

Geopolítica e tematicamente falando, o problema é complexo e deveras amplo. Acresce que, se voltássemos ao gesto do monarca Filipe, ao qual Suárez se viu compelido a obedecer, bastar-nos-ia pensar na polémica “molinista”, a dividir os dois lentes de Prima em Salamanca e Coimbra, respetivamente Domingo Bañez (1528-1604) e Francisco Suárez, para percebermos a relevância de duas universidades geograficamente próximas e teologicamente distantes. Seja como for, poder-se-ia, alfim, contar a história dos jesuítas e da sua produção filosófica em Coimbra a partir de Paris⁴⁶ e, de facto, à medida em que avançamos na exegese filosófico-literária e na filigrana das ideologias transmitidas numa longa duração, é possível encontrar uma “origem” parisiense – esta “um reagrupamento da Escócia com a península ibérica”⁴⁷ – em Salamanca.⁴⁸ Estudos recentes têm evidenciado a necessidade de associar o pensamento de Vitória e Soto à sua formação em Paris, com Mair, Juan de Celaya e outros como Pedro Sánchez de Ciruelo – que mais tarde ensinou em Alcalá. Embora, nas suas lições, Vitoria cite com frequência os seus anos em Paris e as posições que lá defendeu, não raras vezes, opõe-se criticamente a Mair e ao seu círculo. Ora, é natural que, à medida que o tempo avança, os mestres de Salamanca passam a evidenciar cada vez menos a marca parisiense⁴⁹. Não obstante, o reconhecimento de um espírito

⁴⁵ W. Risse, “Introdução”, in *Pedro Margalho. Escólios em Ambas as Lógicas à Doutrina de S. Tomás, do Subtil Duns Escoto e dos Nominalistas* (Lisboa: JNIC, 1965), XXXIX; veja-se, mais pormenorizadamente, *Die Logik der Neuzeit*, Bd. I: 1500-1640 (Stuttgart-Bad Cannstatt, 1964), 360-382.

⁴⁶ Casalini, *Aristotele a Coimbra*, 17 e sg.

⁴⁷ Cf. Hélène Leblanc, *Théories Sémiotiques à l'Âge Classique. Translatio Signorum* (Paris: Vrin, 2021), 63.

⁴⁸ Cf. *Summistae...* já citado.

⁴⁹ Cf. M. Toste, “Invincible Ignorance and the Americas: Why and How the Salamanca Theologians Made Use of a Medieval Notion”, *Rechtsgeschichte Legal History* 26 (2018), pp. 284 – 297; vejá-se os contributos de Ch. Grellard e de Th. Duve, em particular, para o mais recente *A Companion to the Spanish Scholastics*, ed. by Harald Ernst Braun, Erik De Bom, and Paolo Astorri (Leiden-Boston, 2022).

de identidade seria, por isso, uma exigência natural e diacrónica, além de uma possibilidade mais que real.

Tudo é, todavia, muito mais difícil e deveras intrigante (embora talvez fosse melhor escrever “estimulante”, em se tratando de pesquisas ainda por fazer). Permita-se-me uma telegráfica alusão, que seguramente ultrapassa o “Sitz im Leben” dos dois protagonistas evocados (Paris e Coimbra), por se tratar de uma metodologia europeia mais vasta. Se levássemos em linha de conta uma interpretação que Edith Sylla, com a competência e o trabalho de investigação que lhe reconhecemos, avançou há anos para caracterizar os comentários da escola nominalista física de Paris do século XV, saltaria à vista como a avaliação desta intérprete podia servir como uma luva para nos introduzirmos nos comentários dos Jesuítas de Coimbra.⁵⁰

6. Uma escola de Coimbra? E o caso de Évora?

É agora altura de encarar, para fechar, a questão da “escola de Coimbra”, ainda que de maneira breve, posto que só o devir investigativo pode avaliar quaisquer palavras mais definitivas e acertadas. Diferentemente do que escreveu, mais com pilhéria do que com acribia, Mario Bunge (1919-2020), uma “escola” não é uma “seita” praticante da falácia da generalização, quer dizer, um grupo de filósofos que tomam uma verdade qualquer e sustentam-na como sendo a única⁵¹. Decerto que Joaquim Ferreira Gomes e Wilhelm Risse se aproximavam mais da maneira distinta com que a historiografia soe falar, pilhérias à parte, de “escolas” como as de Atenas, de Marburgo, de Oxford, de Viena, de Salamanca, eventualmente de Braga⁵², etc. É claro que não pode ser unânime uma identificação do objeto “salmanticense” – apesar de abundantemente atestada como “escola”⁵³ – com o fito do volume

⁵⁰ E. D. Sylla, “Aristotelian Commentaries and Scientific Change: The Parisian Nominalists on the Cause of the natural Motion of Inanimate Bodies”, *Vivarium* 31: (1993), 76: “They might be more or less willing to say that Aristotle was in error or to interpret him in a way that strained credibility, they might also be more or less interested in finding physically plausible explanations, but however the emphasis fell, nevertheless they continued to tie their discussions to Aristotle’s text and its interpretation and to the pedagogic need for completeness in their discussions. Moreover, not only did the Parisian nominalists tie their commentaries to Aristotle’s text; they also tied them to other previous commentaries.”

⁵¹ M. Bunge, *Dicionário de Filosofia* (São Paulo: Editora Perspectiva, 2002), 154 s.v. “Filosofia de Escola”.

⁵² Cf. Lúcio Craveiro da Silva, “A Neo-Escolástica Contemporânea” in Pedro Calafate, *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. V, Tomo 1, (Lisboa: Caminho, 2000), 338.

⁵³ Impossível referir toda a bibliografia, mas fiquem indicados pelo menos os seguintes títulos, por ordem cronológica da sua publicação: *El pensamiento económico de*

editado há pouco por Thomas Duve e a sua equipa. Deslocando a geografia, considera-se a “escola de Salamanca” como uma “comunidade epistémica e prática” (*an epistemic community and a community of practice*), não local, assim representando “a case of global knowledge production”. Ora, antes da equipa de Duve, já eu havia falado de “Wirkungsgeographie”, precisamente a propósito de Coimbra. Não há razão nenhuma, por isso, para considerar uma tal característica epistémica e prática exclusiva de Salamanca. E isto põe-nos perante o problema das definições e, sobretudo, frente à necessidade de se aprofundar, precisar, e singularizar os contornos “epistémicos” e “práticos”, se tal for o caso. Sem poder aqui aprofundar este assunto, a respeito de Salamanca, também os três domínios definidores desta “escola” consensualmente propostos por tão eminente conhecedor do assunto como Pereña – o método, a fundamentação e o conteúdo⁵⁴ – não podem ser, por si só, acolhidos, salvo ulterior definição. Do mesmo modo, Ramis Barceló evidencia a teologia como especificidade salmanticense⁵⁵, mas a proposta torna-se flexível quando confrontada e comparada, por exemplo, com a da Universidade de Coimbra.

Seja como for, e por mais difícil que seja o desafio, por mais prematura que seja a proposta a seguir, estamos em crer que se podem evidenciar, em Coimbra, dimensões contrastantes com algum perfil de Salamanca. Um método deste jaez proporcionar-nos-á vantagens heurísticas, mas mais nada do que isso. Assim, telegraficamente, proporia a seguinte oposição em seis itens, que carecem de ulterior pesquisa. Enquanto a escola de Salamanca é um produto administrativamente universitário, a de Coimbra é apenas propedêutica. Este é um caso em que Coimbra contrasta “administrativamente” também, sublinho, com a “escola de Évora”, se de dela pudermos vir a falar

la escuela de Salamanca, editado por Ernest Lluch, Francisco Gómez Camacho, Ricardo Robledo Hernández, Salamanca, 1998; Juan Belda Plans, *La escuela de Salamanca y la renovación de la teología en el siglo XVI*, Madrid, 2000; *La primera escuela de Salamanca (1406-1516)*, editado por Cirilo Flórez Miguel, Maximiliano Hernández Marcos, Roberto Albares Albares, Salamanca, 2012; *La filosofía de las pasiones y la Escuela de Salamanca: Edad Media y Moderna*, editado por Manuel Lázaro Pulido, José Luis Fuertes Herreros, Ángel Poncela González (Cáceres: Sínderesis, 2013); Thomas Duve, José Luis Egio, and Christiane Birr (eds.), *The School of Salamanca. The School of Salamanca: A Case of Global Knowledge Production* (Leiden: E. J. Brill, 2021). Importa apontar para algumas das contribuições (v.g. Grellard, Duve, Gellera, Hill, Marschler, and Spruit;) para o mais o recente e acima citado, *A Companion to the Spanish Scholastics*.

⁵⁴ L. Pereña, “La Escuela de Salamanca, notas de identidad”, in *El pensamiento económico*, 44.

⁵⁵ Cf. Rafael Ramis Barceló, “La Escuela de Salamanca y el método teológico”, in Langella, S., Ramis Barceló, R. (eds.), *¿Qué es la Escuela de Salamanca?* (Madrid y Porto 2021), 87-118.

um dia, mas que adianto já pelas razões que no fim enunciarei. Em segundo lugar, se Salamanca é religiosamente um produto dominicano, em Coimbra é a Companhia de Jesus que se torna exclusiva. Aqui, todavia, há um choque com a situação de Évora, como é mais do que óbvio, também ela uma instituição exclusivamente inaciana, distinta todavia de Coimbra por motivos de natureza estrutural e razões históricas contingentes. Em terceiro lugar, enquanto Salamanca segue a figura tutelar de Francisco de Vitoria, em Coimbra essa figura patrimonial cabe indubitavelmente a Pedro da Fonseca, não obstante parecer diferente de Severiano Tavares, mais inclinado para atribuir esse lugar a Francisco Suárez⁵⁶; competiria por isso deixar a pergunta de saber até que ponto a figura de Luis de Molina (1535-1600) pode patrocinar uma “escola de Évora”. Como quarta marca, atrever-me-ia a contrastar o lugar da teologia e do direito, com a exclusiva presença da filosofia, em Coimbra. O problema aqui é que a epistema do direito e da teologia evidenciam-se também em Évora, não obstante esta universidade jesuíta não ter conhecido uma Faculdade de Direito. Consequentemente, enquanto o trabalho em Salamanca se desenvolve em torno da aquinatense *Summa theologiae*, em Coimbra isso acontece exclusivamente em torno da obra de Aristóteles. Como pano de fundo, teríamos o facto óbvio e institucional de que, ao falarmos de Salamanca referimo-nos à teologia, e ao falarmos de Coimbra, excluimos a sua Faculdade de Teologia. Temos ainda um contraste curioso e significativo, qual o que se afiguraria como um neoaristotelismo conimbricense frente a um neotomismo salmanticense. Em sexto lugar, e sociopoliticamente falando, enquanto Salamanca é um produto espanhol, Coimbra é deliberadamente lusitano, haja em vista algumas tentativas de Fonseca na exclusão da presença dos colegas do país vizinho na feitura do *Curso Jesuíta Conimbricense*. Luis de Molina e Pedro Gómez (1534-1600) são os casos mais flagrantes. Também o lugar preponderante que a política assume em Salamanca contrasta com a atrofia deste domínio filosófico no campo da moral, e mesmo assim com evidente muito menor expressão. Esta especificidade entronca com a quarta marca acima enunciada, mas se comparássemos Coimbra e Évora a eventual menoridade da política desapareceria em Évora, haja, por exemplo, em vista a produção molinista *De iustitia et iure* e, sobretudo, todo o seu papel na política colonial do império. O caso-Suárez em Coimbra é, por si só, singular, quanto mais não seja porque nos remete para a Universidade local e não diretamente para os colégios jesuítas da mesma cidade. Por fim, atrever-me-ia a acompanhar, embora apenas à guisa de agulhão para uma pesquisa posterior, e deveras consciente do atrevimento de uma tal proposta, uma ideia há alguns anos proposta por Lúcio Craveiro da Silva

⁵⁶ S. Tavares, “Pedro da Fonseca. Sua Vida e Obra”, *Revista Portuguesa de Filosofia* 9 (1953), 353.

(1914-2007), e acrescentar que a escola de Coimbra se encerra com Inácio Monteiro (1724-1812)⁵⁷, o jesuíta que acabou por publicar o grosso da sua obra conimbricense na Universidade italiana de Ferrara.

Como se acaba de verificar, qualquer proposta de definir uma “escola” de Coimbra não tem de se confrontar apenas com a situação salmanticense, mas deve atentar na situação, ainda mais próxima, ideologicamente falando, da Universidade de Évora⁵⁸. Isto, insista-se, dando como descontado que por “escola de Coimbra” nada se pretende dizer sobre a Universidade de Coimbra, um caso deveras à parte, mas que ainda não foi devidamente configurado. De facto, e termino este humilde contributo para futuras pesquisas, a Universidade de Évora é merecedora de uma série de estudos sistemáticos por múltiplas razões. Não esqueçamos, por exemplo, que um dos membros responsáveis pela redação do *Ratio Studiorum*, Gaspar Gonçalves (+1590), foi cancelário dessa Universidade em 1570. Criada em 1551 enquanto colégio, e em 1559, como Universidade, tem o mérito de estar no rol das primeiras universidades jesuítas na Europa. Depois, e esse ponto foi aflorado acima, ela vê-se a si mesma como credora do imperativo colonial. Évora preparava, de facto, missionários e de lá saiu alguma elite eclesiástica ultramarina de relevo. Isto é uma especificidade no contexto das restantes universidades jesuítas por essa Europa fora. Por fim, em se tratando sobretudo de uma Universidade de teologia – e convém de novo lembrar que em Coimbra e no tocante à Companhia de Jesus tal sucedeu quase só no tempo filipino de Francisco Suárez, e em contraste com Salamanca – caber-lhe-ia por direito e dever epistemológicos próprios de dirimir disputas sobre situações relativas à expansão missionária⁵⁹.

⁵⁷ L. C. da Silva, “Inácio Monteiro. Significado da sua vida e da sua obra”, *Revista Portuguesa de Filosofia* 29 (1973), 229-266; Id., “Um jesuíta no contexto das Luzes: Inácio Monteiro (1724-1812)”, in P. Calafate (dir.), *História do Pensamento Português*, vol. III: *As Luzes*, (Lisboa: Caminho, 2001), 177-194.

⁵⁸ Teresa Maria Rodrigues da Fonseca Rosa, *História da Universidade Teológica de Évora (Séculos XVI a XVIII)*, (Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2013).

⁵⁹ Cf. Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron, *Ligne de foi: La Compagnie de Jésus et l’esclavage dans le processus de formation de la société coloniale en Amérique portugaise (XVIe–XVIIe siècles)*, Paris, 2009; Charlotte De Castelneau L’Estoile, *Un catholicisme colonial: Le mariage des indiens et des esclaves au Brésil* (Paris: PUF, 2019). Está por estudar o papel e a intervenção, também óbvios, que os professores de teologia do Colégio de Jesus podem ter tido no capítulo colonial.

Bibliografia

- Barbosa, Arnaldo de Miranda. “A individuação nas disputas metafísicas de Suárez”, *Actas del IV centenario del nacimiento de Francisco Suarez, 1548-1948*, Volume 1. Madrid: Dirección General de Propaganda, 1949, 339–360.
- Belda Plans, Juan. *La escuela de Salamanca y la renovación de la teología en el siglo XVI*. Madrid: BAC, 2000.
- Braun, Harald Ernst, De Bom, Erik and Astorri, Paolo (eds.), *A Companion to the Spanish Scholastics*. Leiden-Boston: Brill, 2022.
- Bunge, Mario. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- Calafate, Pedro. *A Escola Ibérica de Paz nas Universidades de Coimbra e Évora (Séculos XVI e XVII)*, 2 vols. Coimbra: Almedina, 2015.
- _____. *Escola Ibérica da Paz. A consciência crítica da conquista e colonização da América: 1511-1694/Escola Ibérica de la Paz. La conciencia crítica de la conquista y colonización de América: 1511-1694*. [direção de] Pedro Calafate & Ramón Emilio Mandado Gutiérrez. Prefácio de António Augusto Cançado Trindade. Santander: Editora da Universidad de Cantábria, 2014.
- Camps, Maria da Conceição. *Do Visível ao Invisível – A teoria da visão no Comentário aos três livros ‘Da Alma’ do Curso Jesuíta Conimbricense (1598)*. Dissertação de doutoramento em Filosofia [pro manuscripto] Faculdade de Letras do Porto, 2012.
- Carolino, Luís Miguel. *Ciência, Astronomia e Sociedade. A teoria da influência celeste em Portugal (1593-1755)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- Carvalho, Joaquim de. “Desenvolvimento da Filosofia em Portugal durante a Idade Média”, in *Obra Completa de Joaquim de Carvalho*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978, pp. 337-354 (agora acessível em: https://gulbenkian.pt/publication_author/joaquim-de-carvalho/).
- _____. “A teoria da verdade e do erro nas ‘Disputationes Metaphysicae’ de Francisco Suárez” (1917), in *Obra Completa de Joaquim de Carvalho*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978, 117-148.
- _____. “En torno a las ‘Disputationes Metaphysicae’”, in *Actas del IV centenario del nacimiento de Francisco Suarez, 1548-1948*, Volume 1 (Madrid: Dirección General de Propaganda, 1949), 65-72.
- Carvalho, Mário Santiago de. Lázaro Pulido, Manuel; and Guidi, Simone (eds.), *Francisco Suárez: Metaphysics, Politics and Ethics/ Francisco Suárez: Metafísica, Política e Ética Francisco Suárez: Metafísica, Política y Ética*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.
- _____. *O Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense*. Coimbra-Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra-INCM, 2018.
- _____. “De um tom de modéstia a adoptar para já em Filosofia. Sobre os cem anos de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra”, *Revista Filosófica de Coimbra* 20 (2011), 451-484.
- _____. “De Coimbra a Pequim: história e geografia do aristotelismo conimbricense”, in Carlota Simões, Margarida Miranda & Pedro Casaleiro (eds.), *Visto de Coimbra, O Colégio de Jesus entre Portugal e o Mundo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, 121-143.

- _____. “Il destino della metafisica nella modernizzazione dell’università portoghese all’epoca di Luís António Verney (1713-1792)”, in G. Piaia e M. Forlivesi (a cura di), *Innovazione filosofica e Università fra Cinquecento e primo Novecento. Philosophical Innovation and the University from the 16th Century to the Early 20th*. Padova: CLEUP, 2011, 227-243.
- _____. “Editorial History” in <http://www.conimbricenses.org/in-tres-libros-de-anima-aristotelis-stagiritae/>
- _____. “What is Second Scholasticism? A Tentative Answer from an Iberian and Portuguese Point of View”, in S. Langella & R. Ramis Barceló (eds.), *¿Qué es la Segunda Escolástica?*. Editorial Sínderesis, Madrid – Porto 2023, 369-402.
- Casalini, Cristiano. *Aristotele a Coimbra. Il ‘Cursus Conimbricensis’ e l’educazione nel ‘Collegium Artium’*. Roma: Anicia, 2012.
- Couvaneiro, João Luís Serrenho Frazão. *O Curso Superior de Letras (1861-1911) Nos primórdios das Ciências Humanas em Portugal*, Dissertação de Doutoramento em História, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (pro manuscrito) Lisboa, 2012.
- Coxito, Amândio Augusto. *O Problema dos Universais no Curso Filosófico Conimbricense*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (pro manuscrito) Coimbra, 1962.
- _____. *Estudos sobre a Filosofia em Portugal no século XVI*. Lisboa: INCM, 2005.
- Deusdado, Ferreira. *A Filosofia Tomista em Portugal (História e Bibliografia)*, traduzido, prefaciado, anotado e atualizado (1879-1974) por Pinharanda Gomes. Porto: Lello & Irmão, 1978).
- Duve, Thomas; Egío, José Luis; and Birr, Christiane (eds.), *The School of Salamanca. The School of Salamanca: A Case of Global Knowledge Production*. Leiden: E.J. Brill, 2021.
- Espinosa, Bento de. *Ética Demonstrada à Maneira dos Geómetras*. Parte I: De Deus, tradução, introdução e notas de Joaquim de Carvalho. Coimbra: Atlântida, 2ª ed., 1960.
- Ferreira, João. *Existência e Fundamentação Geral do Problema da Filosofia Portuguesa*. Braga: Editorial Franciscana, 1965.
- Flórez Miguel, Cirilo; Hernández Marcos, Maximiliano; Albares Albares, Roberto (eds.). *La primera escuela de Salamanca (1406-1516)*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2012.
- Fonseca, N. da. “O ‘Curso Conimbricense’ em Português”, *Brotéria* 66 (1958), 320-330.
- Góis, Manuel de. *Curso Conimbricense I. Pe. Manuel de Góis: Moral a Nicómaco, de Aristóteles*. Introdução, estabelecimento do texto e tradução de A. A. de Andrade. Lisboa: JNIC, 1957.
- _____. *Comentários do Colégio Conimbricense da Companhia de Jesus Sobre os Três Livros Da Alma de Aristóteles Estagirita*. Tradução do original latino por Maria da Conceição Camps. Lisboa: Silabo, 2010.
- _____. *O Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense. Tomo I: Comentários aos Livros denominados “Parva Naturalia”*. Tradução e notas de Bernar-

- dino Fernando da Costa Marques; estabelecimento do texto latino por Sebastião Tavares de Pinho e Marina Fernandes. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.
- _____. *O Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense. Tomo II: Disputas do Curso Conimbricense sobre os livros das 'Éticas de Aristóteles a Nicómaco'*. Tradução do latim e Introdução Doutrinal de Mário Santiago de Carvalho, Fixação do Texto Latino de Sebastião Tavares de Pinho e Mário Santiago de Carvalho. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.
- _____. *O Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense. Tomo III: De Caelo*. Tradução do latim de António Guimarães Pinto. Estabelecimento do Texto de António Guimarães Pinto e de Sebastião Tavares de Pinho. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021.
- _____. *O Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense. Tomo IV: De Anima. Parte I [Manuel de Góis]*. Tradução do Latim por Maria da Conceição Camps, Introdução Doutrinal por Mário Santiago de Carvalho, Fixação do Texto Latino por Sebastião Tavares de Pinho e Mário Santiago de Carvalho. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.
- Gomes, Joaquim Ferreira. “Introdução”, in *Pedro da Fonseca. Isagoge Filosófica*. Coimbra: IEF, 1965, IX-XX.
- Gomes, Pinharanda. *Os Conimbricenses*. Lisboa: Guimarães Ed., 2ª ed., 2005.
- _____. *Dicionário de Filosofia Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.
- L’Estoile, Charlotte De Castelnau. *Un catholicisme colonial: Le mariage des indiens et des esclaves au Brésil*. Paris: PUF, 2019.
- Lanza, Lidia e Toste, Marco. “The Commentary Tradition on the ‘Summa Theologiae’”, in *Summistae. The Commentary Tradition on Thomas Aquinas’ ‘Summa Theologiae’ from the 15th to the 17th centuries*, edited by Lidia Lanza & Marco Toste. Leuven-Louvain: Leuven University Press, 2021.
- Lázaro Pulido, Manuel; Fuertes Herreros, José Luis; Poncela González, Ángel (ed.), *La filosofía de las pasiones y la Escuela de Salamanca: Edad Media y Moderna*. Cáceres: Editorial Sínderesis, 2013.
- Leblanc, Hélène. *Théories Sémiotiques à l’Âge Classique. Translatio Signorum*. Paris: Vrin, 2021.
- Lluch, Ernest, Gómez Camacho, Francisco e Robledo Hernández, Ricardo (eds.), *El pensamiento económico de la escuela de Salamanca*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1998.
- Martins, António Manuel. “Introdução ao Volume I das ‘Obras Completas’ de Miguel Baptista Pereira”, in *Obras Completas de Miguel Baptista Pereira*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, VII-X.
- _____. *Lógica e Ontologia em Pedro da Fonseca*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- Miranda, M.G. da Silva. *Delfim Santos – A Metafísica como filosofia fundamental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- Oliveira (ed.), Francisco de. *Orações de Sapiência da Faculdade de Letras 1912-1995*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2002, 19-46.

- Pereira, José Esteves. “A ‘Brotéria’ e o pensamento filosófico português (1925-1964)-1964)”, in H. Rico & J. E. Franco (coordenadores), *Fé, Ciência, Cultura: ‘Brotéria’ – 100 Anos*. Lisboa: Gradiva, 2003, 238-246.
- Pereira, Miguel Baptista. *Obras Completas de Miguel Baptista Pereira*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.
- _____. *Ser e Pessoa; Pedro da Fonseca I- O Método da Filosofia*. Coimbra: IEF, 1967.
- Pereña, Luciano. “La Escuela de Salamanca, notas de identidad”, in *El pensamiento económico de la escuela de Salamanca*, editado por Ernest Lluch, Francisco Gómez Camacho, Ricardo Robledo Hernández. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1998.
- Praça, Lopes. *História da Filosofia em Portugal*. Edição preparada por Pinharanda Gomes (Lisboa: Guimarães Ed., 1974).
- Ramis Barceló, Rafael. “La Escuela de Salamanca y el método teológico”, in Llangella, S., Ramis Barceló, R. (eds.), *¿Qué es la Escuela de Salamanca?*. Madrid-Porto: Editorial Sínderesis, 2021, 87-118.
- Ribeiro, H. Jales. *Filosofias nacionais, transnacionais e tradições filosóficas no século XXI*. Porto: Edições Esgotadas, 2018.
- Ribeiro, Paula Ponce de Leão Paes. *O Acesso ao Ser: O intelecto e a abstracção nos Comentários ao De Anima dos Conimbricenses. Subsídios para o seu Estudo*. Dissertação de Licenciatura em Filosofia apresentada à Faculdade de Letras (pro manuscrito). Coimbra: 1974.
- Risse, Wilhelm. “Introdução”, in *Pedro Margalho. Escólios em Ambas as Lógicas à Doutrina de S. Tomás, do Subtil Duns Escoto e dos Nominalistas*. Lisboa: JNIC, 1965, VII-XL.
- _____. *Die Logik der Neuzeit*, Bd. I: 1500-1640. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 1964.
- Rodrigues, Manuel Augusto. “‘In Memoriam’ Friedrich Stegmüller (1902-1981)”, *Revista de História das Ideias* 5 (1983), 1125-1128.
- Romeiras, Francisco M. *A Biblioteca Erudita de Campolide, A história de uma Biblioteca jesuíta dispersa pela República*. Lisboa: Lucerna, 2022.
- Rosa, Teresa Maria Rodrigues da Fonseca. *História da Universidade Teológica de Évora (Séculos XVI a XVIII)*. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2013.
- Sá, V. Matos e. “Introdução a Giordano Bruno”, in *Giordano Bruno, Acerca do Infinito, do Universo e dos Mundos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978, V-LII.
- Stegmüller, Friedrich. “Zur Literaturgeschichte der Philosophie und Theologie an der Universitäten Évora und Coimbra im XVI. Jahrhundert”, *Spanische Forschungen der Goerresgesellschaft*, 1. Reihe, Band 3 (1931), 385-438.
- _____. *Filosofia e Teologia nas Universidades de Coimbra e Évora no século XVI*. Coimbra: IEF, 1959.
- Silva, Lúcio Craveiro da. “A Neo-Escolástica Contemporânea” in *Pedro Calafate, História do Pensamento Filosófico Português*, vol. V, Tomo 1. Lisboa: Ed. Caminho, 2000, 338-343.

- _____. “Inácio Monteiro. Significado da sua vida e da sua obra”, *Revista Portuguesa de Filosofia* 29 (1973), 229-266.
- _____. “Um jesuíta no contexto das Luzes: Inácio Monteiro (1724-1812)”, in P. Calafate (dir.), *História do Pensamento Português*, vol. III: *As Luzes*. Lisboa: Ed. Caminho, 2001, 177-194.
- Sylla, Edith D. “Aristotelian Commentaries and Scientific Change: The Parisian Nominalists on the Cause of the natural Motion of Inanimate Bodies”, *Vivarium* 31 (1993), 76-83.
- Tavares, Severiano. “Pedro da Fonseca. Sua Vida e Obra”, *Revista Portuguesa de Filosofia* 9 (1953), 344-353.
- Thomas, Lothar. *Contribuição para a História da Filosofia Portuguesa*, trad. de José António Brandão. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1944.
- Toste, Marco. “Invincible Ignorance and the Americas: Why and How the Salamanca Theologians Made Use of a Medieval Notion”, *Rechtsgeschichte Legal History* 26 (2018), 284-297.
- Velozo, Aurélio A.R.M. *Sobre a Determinação do início dos ‘Tempos Modernos’. A incidência dos Comentários Conimbricenses na obra fisiológica de Descartes*. Trabalho de síntese apresentado à FLUC (pro manuscripto). Coimbra, 1984.
- Zeron, Carlos Alberto de Moura Ribeiro. *Ligne de foi: La Compagnie de Jésus et l’esclavage dans le processus de formation de la société coloniale en Amérique portugaise (XVIe–XVIIe siècles)*. Paris: Garnier, 2009.